

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

PARA SE ENTENDER O DEBATE DENTRO DA IGREJA

Em toda a América Latina, com repercussões em todos os estratos eclesiais, trava-se um acirrado debate envolvendo os meios de comunicação de massa, tanto dos grupos hegemônicos como das classes subalternas, acerca do peso político, social e libertário que se quer adjudicar à fé cristã. A controvérsia assume duas versões: uma intra-sistêmica, eclesial, e outra social, analítica. Dentro da Igreja se defrontam dois grupos.

1. CORRENTE CONTINUADORA

O primeiro sustenta que a missão da Igreja é essencialmente religiosa. Por isso, ela não se deve intrinsecamente na política, que é o campo secular do Estado e dos Partidos. Sua função se ordena ao espiritual e à animação das coisas temporais, como derivativo da prática religiosa. Jesus foi claro: "Meu Reino não é deste mundo!"

Ele não atuou como líder político e sua libertação não intencionava a economia e a política, mas a relação religiosa homem-Deus, que se traduz em termos de pecado ou graça, conversão ou endurecimento do coração. Extrapolando desta vigência é ideologizar a fé e manipulá-la em função de interesses que desnaturam o Evangelho.

2. CORRENTE INOVADORA

O segundo grupo afirma que a missão da Igreja é mais do que religiosa, é integral, porque a salvação é também integral. Ela concerne, além do espírito, também o corpo e o mundo, porque estes são vocacionados igualmente ao Reino de Deus. Por isso, a fé e a Igreja (o espaço organizado da vivência da

fé) possuem, independentemente da vontade de seus atores religiosos, uma dimensão política estrutural. Jesus também disse: "O Reino de Deus está em vosso meio!"

Ele foi condenado sob Pôncio Pilatos (representante do poder imperial) e sua crucificação não foi uma fatalidade, mas consequência de uma mensagem e de uma prática que conflitavam com os poderes estabelecidos de então. A comunidade cristã deve sempre atualizar a memória perigosa e libertária de seu fundador que, inegavelmente, privilegiou os pobres e marginalizados.

A primeira posição, politicamente, favorece as classes dominantes da sociedade que, por natureza, são conservadoras e tendem a representar a vida social como um organismo funcionando de forma compartimentada: ao político cabe a política e a tribuna; ao padre, a oração e o púlpito. A segunda vem ao encontro dos anelos de libertação das classes mantidas subalternas, interessadas na mobilização social que lhes traga mais poder e participação, tendendo a representar a sociedade como totalidade dinâmica e conflitiva, com interferências de toda ordem de um campo sobre o outro.

A política não é atribuição de alguns cidadãos, mas de todos, porque o ser humano é essencialmente um "animal político", e a religião não é privilégio de alguns, mas de todo homem que se abre a um sentido último, chamado Deus.

(Leonardo Boff, *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*, Ed. O Pasquim).

DO REINO E SUA JUSTIÇA

ÍNDIO EXTRAVAGANTE?

• Os leitores já ouviram falar do cacique Mário Juruna que tem percorrido o Brasil de Norte ao Sul, do Leste ao Oeste defendendo a causa indígena. Num português tosco mas gostoso vai cantando os sofrimentos e as angústias, as esperanças e os desejos destes mais legítimos brasileiros que são os índios.

• De repente os índios saem das páginas da História, onde foram encerrados (depois de serem dizimados), e das matas virgens, para falarem uma linguagem de protesto e de defesa.

• De repente aparecem claros e nítidos os traços de uma raça esmagada e triturada pela nossa civilização cristã. E muita gente pergunta, balançando a cabeça: "Mas e ainda existem índios no Brasil?"

• De repente os índios, remanescentes de uma raça que os brancos e civiliza-

dos condenaram à morte, são contados entre as minorias contestadoras e subversivas. Mas as elites são hábeis. E fazem jurisprudência: Os índios são crianças colocadas sob a tutela do Estado.

• O cacique Juruna vê longe e fundo. Fala para o Brasil e para o mundo. Daí por que o Tribunal Russell, que se reúne de dois em dois anos para julgar crimes contra a humanidade, decidiu convidá-lo para sua reunião de Amsterdã. Irá? Como cidadão brasileiro irá.

• Mas um índio é cidadão brasileiro incompleto. A Funai negou licença — que o TFR acabou concedendo — para Juruna participar do Tribunal Russell. Como? Um índio falar contra o Brasil, difamar o Brasil, conspurcar o Brasil? Juruna chora em nome de todos os índios do Brasil presente, passado e futuro. Ai, Senhor, ai dos pequenos e frágeis!

IMAGEM DO SONHO QUE NÃO SE CUMPRE

1. Ai de mim, Senhor, que desperto esperanças nos irmãos, esperanças que não posso realizar — ah, quem sou eu! e irmãos que desejo ver crescer e ser felizes — como sonham todos com a felicidade. E como é tão simples e natural a felicidade pura com que sonham. E foi sonhando que veio falar com o senhor bispo dona Veralúcia, sim, senhor a mandado da irmã Maria do Carmo. O senhor conhece ela? Digo que conheço. Pois é isto, senhor bispo, a gente queria comprar a casa do BNH. Mas não dá, se o senhor não ajudar. E conta.

2. E conta que ela e o marido (fique aí sentado, Jorginho, diz para o gorduchinho de quatro anos que está impaciente) juntaram o dinheiro da entrada, quer dizer, da primeira parcela que era treze mil cruzeiros. E aí o ladrão deu lá em casa e levou tudo. São treze mil segunda-feira e o resto de doze mil mês e meio depois. Sim, senhor, meu marido tá lá na sala. Jorginho vá chamar seu pai. Daqui a pouco entra um senhor alto, forte, de barbicha rarefeita, terá uns cinquenta anos, olhos meigos e orgulhosos.

3. Malê de origem? Há nos olhos, nos traços do rosto, no gesto, na tranquilidade com que me fala e olha alguma coisa de grão senhor, a marca inconfundível de uma grandeza que a escravidão dos avós e o sofrimento acumulado de várias gerações não desfez nem disfarçou. Com grandeza me faz o que ele chama de «melhor proposta»: o senhor adianta duzentos e cinquenta mil cruzeiros para nós comprar a casa à vista? E perfura-me com dignidade e esperança este rei negro que a vida fez mendigo. Ai de mim, meu irmão. (A. H.)

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM (15-02-1981)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Celebração da liberdade, Ant. Haddad, Ed. Paulinas.

rito inicial

1 CANTO DE ENTRADA



Vamos caminhar, vamos esperar / vamos procurar o caminho do Senhor!

1. O caminho do Senhor, meu irmão, é justiça, é amor.
2. O caminho do Senhor, meu irmão, é paz, é liberdade.
3. O caminho do Senhor, meu irmão, é união, é comunhão.
4. O caminho do Senhor, meu irmão, é procura, é a hora.
5. O caminho do Senhor, meu irmão, é certeza, é história.
6. O caminho do Senhor, meu irmão, é luta, é compromisso.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, o Deus da esperança encha o coração de vocês de toda a alegria e de paz na fé, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Nossa vida está plantada sobre um paradoxo: queremos viver, mas estamos diante da morte. Isso acontece com a vida física, que é uma de nossas dimensões: exterior, material, passageira. O mesmo acontece com nossa dimensão interior, que engloba e dá sentido às outras. Também aí estamos diante da vida e da morte. Caminharemos na direção da vida, se escolhermos os caminhos do Senhor da vida. A Lei de Deus é a lei da vida em abundância. Esta lei não pode ser revogada pelos interesses e vantagens das minorias. Estas minorias, chamadas no Evangelho de grandes deste mundo, caminham para a morte, porque escolheram o caminho da morte. E aos pequeninos e pobres de coração Deus revelou sua Sabedoria que significa desprendimento das seguranças e engajamento amoroso na construção da fraternidade entre os homens.

4 CELEBRAÇÃO DO PERDÃO DE DEUS

S. Irmãos, reconheçamos as nossas culpas, para celebrar dignamente os santos mistérios. (*Pausa para reflexão*). Confessemos os nossos pecados:

P. Eu vim aqui, Senhor, pedir perdão e mais amor.

Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe nossos pecados e nos conduza à vida eterna. Aleluia!

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso / nós vos louvamos /

nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Ó Deus, que prometestes permanecer nos corações sinceros e retos, dai-nos, por vossa graça, viver os valores de vosso Reino, a fim de que se torne sempre mais visível vossa presença entre nós. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A 1ª leitura é tirada do Livro de Sirac (15,16-21). Embora fisicamente vivos, estamos diante da morte. O mesmo dilema está posto ao nosso espírito: caminhamos para a morte, se nos distanciamos dos planos de Deus; construímos a vida do mundo, se vivemos a Lei de nosso Pai.

L. Leitura do Livro de Sirac: «Se quiseres, poderás observar os mandamentos, tendo a inteligência de fazer a vontade de Deus. Fogo e água estão diante de ti: estende a mão ao que preferes. Diante de cada homem, estão a vida e a morte: a cada um será dado o que preferir. Porque grande é a Sabedoria de Deus; Ele é onipotente e vê todas as coisas. Os olhos do Senhor contemplam suas criaturas e Ele observa as ações de cada um. A ninguém Ele ordenou que fizesse o mal, não deu licença a ninguém para pecar». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Vem, Senhor! Vem, Senhor! Vem libertar o teu povo!

1. Apesar da fome aguda e da sorte que não muda / sem casa pra morar e sem onde se empregar / este povo ainda espera a tua vinda.

2. Apesar de deprimido, por lutar sem ver sentido / fazer sem ter querido, por morrer sem ter vivido / este povo ainda espera a tua vinda.

3. Apesar do ateísmo e das marcas de egoísmo / da cobiça e da ambição e de tanta solidão / este povo ainda espera a tua vinda.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios (2,6-10). Os grandes e sua presunçosa sabedoria passarão, como passa o tempo. A ver-

dadeira sabedoria Deus revelou aos pequeninos, aos pobres de coração.

L. Leitura da 1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios: «Irmãos, é de sabedoria que falamos aos eleitos de Deus; sabedoria que não é deste mundo nem dos grandes deste mundo, destinados à destruição. Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes do tempo começar, predestinou para nossa glória. Nenhum dos grandes deste mundo a conheceu, pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da Glória. Mas está escrito: «O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que O amam». Deus revelou a nós esta Sabedoria, através de seu Espírito. Pois o Espírito de Deus sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Verdade, liberdade! Verdade, liberdade!

Evangelho é mais justiça, evangelho é mais verdade / evangelho é mais liberdade, verdade, liberdade. / Alegria no Cristo Jesus, libertador de todo homem! / Alegria no Cristo Jesus, libertador do homem todo! / Verdade, liberdade!

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho de São Mateus (5,17-37). Muitos israelitas pensavam que cumpriam a Lei executando ritualismos religiosos prescritos. Jesus não veio abolir a Lei, mas dizer que seu cumprimento começa no coração do homem.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

P. Glória a vós, Senhor.

S. Jesus falou assim a seus discípulos: Não pensem que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento; porque, em verdade lhes digo: até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado. Portanto, aquele que violar um só dos menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus. Mas aquele que os praticar e os ensinar, esse será chamado grande no Reino dos Céus. Eu lhes asseguro: se a justiça de vocês não exceder a dos escribas e fariseus, vocês não entrarão no Reino dos

Céus. Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: «Não matarás!» Aquele que matar terá que responder em juízo. Mas eu lhes digo: Todo aquele que odiar o seu irmão terá de responder em juízo. Aquele que chamar seu irmão de imbecil estará sujeito ao julgamento do Sinédrio. Aquele que o chamar de cretino terá de responder ao julgamento da geena de fogo. Portanto, quando fores fazer tua oferta diante do altar e lá te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois virás fazer a tua oferta. Assume logo uma atitude conciliadora com teu adversário, enquanto estás com ele no caminho, para não acontecer que teu adversário te entregue ao juiz e o juiz ao oficial de justiça e, assim, sejas lançado na prisão. Em verdade te digo: dali não sairás, até pagares o último centavo. Vocês ouviram o que foi dito: «Não cometerás adultério!» Mas eu lhes digo: Todo aquele que olha para uma mulher com desejos libidinosos já cometeu adultério com ela, em seu coração. Se teu olho direito te leva a pecar, arranca-o e lança-o longe de ti, pois é preferível que se perca um de teus membros do que, de corpo inteiro, seres lançado na geena. Se tua mão direita te leva a pecar, corta-a e lança-a longe de ti, pois é preferível que se perca um de teus membros do que, de corpo inteiro, seres lançado na geena. Foi dito: «Aquele que repudiar sua mulher dê-lhe uma carta de divórcio!» Mas eu lhes digo: Todo aquele que repudia sua mulher, a não ser por motivo de fornicção, faz com que ela adúltere; e aquele que se casa com a repudiada comete também adultério. Vocês ouviram também o que foi dito aos antigos: «Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos para com o Senhor!» Mas eu lhes digo: Não jurem em hipótese alguma: nem pelo Céu, porque é o trono de Deus, nem pela Terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do Grande Rei, nem pela tua cabeça, porque não tens o poder de tornar branco ou preto um só de seus cabelos. O sim de vocês seja sim, o não de vocês seja não. O que passa disso vem do Maligno. — Palavra do Senhor. — P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE NOSSA FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra...

14 INTENÇÕES DA COMUNIDADE

S. Irmãos, vamos apresentar a Deus nossos pedidos, rezando uns pelos outros, porque somos filhos de uma mesma família de quem Ele é o Pai, sem distinção de cor nem de raça.

L1. Por aqueles que estão à procura da verdade, para que encontrem em Jesus Cristo o caminho que leva ao Pai, rezemos ao Senhor.

L2. Por todos os cristãos, católicos, protestantes e ortodoxos, para que o aprofundamento da fé e da conversão derube as barreiras que os separam no caminho da unidade, rezemos ao Senhor.

L3. Pelos missionários, catequistas e agentes pastorais, para que sua mensagem chegue efetivamente a seus destinatários e por seu exemplo sejam, sem disfarce, testemunhas de justiça e caridade, rezemos ao Senhor.

L4. Por nossas paróquias e comunidades para que, neste tempo do advento, preparando-se para o Natal, possam compreender melhor que a conversão a Deus é inseparável da luta pela promoção humana, rezemos ao Senhor.

L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor, vós conheceis nossa boa vontade e também nossas fraquezas e limitações; não deixeis de nos sustentar em nossa caminhada, conforme as vossas promessas e em atenção aos merecimentos de Jesus Cristo, que é nossa esperança. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Aleluia! Aleluia!

1. Liberdade é o grito do amor.
2. Lutaremos contra toda opressão.

3. Liberdade é a mensagem do Senhor.
4. Ofertamos ao Senhor a liberdade.
5. Marcharemos pela estrada da verdade.
6. Celebramos a justiça e a paz.
7. Liberdade, liberdade, liberdade!

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Ó Deus, que este sacrifício nos purifique e nos renove; e seja fonte de eterna recompensa para todos os que fazem a vossa vontade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio; no fim:)

1. Santo: és tu, Senhor e Deus do universo / aquele Deus que guia a nossa vida / pelos caminhos da justiça e paz / levando os homens todos à unidade.

2. Santo: és tu, Senhor, amigo e Pai dos homens / aquele Deus que agora vai dizer: / Eu sou o amor e quero o amor na terra, / a transformar e alimentar meu povo.

3. Santo: és tu, Senhor, no Cristo que ensinou / que os homens todos devem ser irmãos / e que a justiça ainda aqui na terra / precisa ser segundo o evangelho.

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):



S. Eis o mistério da fé.

P. Salve, ó cruz, única esperança! Salve, ó cruz, única certeza! Salve, ó cruz, sinal da vitória!

Olhai para nós, Senhor, salvai-nos!

19 CANTO DA COMUNHÃO



1. Felizes os pobres: deles é o Reino de Deus. / Felizes os aflitos: serão consolados. / Felizes os mansos: possuirão a terra. / Felizes os sedentos de justiça: serão plenificados. / Assim disse o Senhor Jesus.

Esta ceia que agora celebramos é um risco pra mim e pra você. / Vivendo o Sermão da Montanha, comendo a Carne do Senhor, / tentaremos reconstruir nossa vida no amor.

2. Felizes os misericordiosos: alcançarão misericórdia. / Felizes os puros: verão a Deus vivo. / Felizes os que lutam pela paz: serão os filhos de Deus. / Felizes os injustiçados: deles é o Reino de Deus. / Assim disse o Senhor Jesus.

20 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Ó Deus, que nos fizestes provar as alegrias do céu, dai-nos desejar sempre o alimento que nos traz a verdadeira vida. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. É antigo e atual o problema mencionado na missa de hoje. Muitos católicos pensam que são cristãos, porque cumprem matematicamente os mandamentos externos da Igreja: batizam os filhos, casam na igreja, submetem-se ao dever dominical, mandam celebrar missas de defunto. Não só para os israelitas: também para nós, brasileiros, o problema é antigo. Ainda carregamos, em nós, os resquícios de uma fé que foi entendida, em nossa história nacional, como legitimação da ordem social. Isto significou aceitação tranqüila da usurpação dos índios, da escravização do africano, da exploração da classe operária, da marginalização do povo. A letra da Lei de Deus foi sempre a mesma; o coração dos homens é que não serviu de chão para a boa semente. Por isso, eles caíram no exteriorismo religioso, enquanto seus corações estavam voltados para as vantagens deste mundo e suas vidas se aproveitavam da exploração dos semelhantes.

22 CANTO FINAL

23 BENÇÃO FINAL

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Gn 4,1-5.25; Mc 8,11-13
/ Terça-feira: Gn 6,5-8.10; Mc 8,14-21
/ Quarta-feira: Gn 8,6-13.20-22; Mc 8,22-26 / Quinta-feira: Gn 9,1-13; Mc 8,27-33 / Sexta-feira: Gn 11,1-9; Mc 8,34-39 / Sábado: Hb 11,1-7; Mc 9,1-12
/ Domingo: Lv 19,1-2.17-18; 1Cor 3,16-23; Mt 5,38-48.

O REINO DE DEUS É COMO O GRÃO DE MOSTARDA

Dentro da Igreja, as comunidades eclesiais de base produzem a transformação no exercício da autoridade e do poder. Destroem a imagem tradicional de uma autoridade que está fora e em cima, e forçam-na a se tornar serviço. Você não planeja o nascimento de uma comunidade eclesial de base. Ela aparece de modo o mais inesperado. Um fato qualquer faz começar um relacionamento humano que, provocado, se intensifica e se multiplica.

Pode ser a necessidade do culto dominical numa capela sem padre, ou a necessidade de preparar para os sacramentos, ou um círculo bíblico, ou outro encontro qualquer. A partir de um fato inesperado, imprevisível, surge um grupo que começa a aprofundar a fé e a vivência da caridade, e acaba se engajando no trabalho apostólico e social.

A história de outras comunidades começou com algum fato ligado a uma situação humana qualquer, como problema de higiene, de moradia etc. Engajaram-se numa atividade, em vista da melhoria de vida, e acabaram chegando

à vivência e ao amadurecimento da fé.

UMA ÁRVORE CARREGADA DE FRUTOS

A maneira de entender as comunidades eclesiais de base é muito variada, mas todos esperam delas muitos frutos: superação das estruturas eclesiais insuficientes para a evangelização; expressão de uma Igreja surgida do povo; aprofundamento da fé numa linha pessoal e operante; aparecimento de novos ministérios e serviços; rompimento com hábitos e esquemas mentais individualistas; questionamento pessoal e conhecimento dos outros; despertar dos homens para a opressão em que vivem; iniciação concreta na experiência de libertação.

PASTORAL SACRAMENTAL, UM OBJETIVO PERMANENTE

A pastoral sacramental tem sido um objetivo permanente de nossa Diocese. Após o Vaticano II, a pastoral sacramental percorreu um longo caminho, mas resta muito ainda a fazer. A missa, que se tinha tornado missa privada, isto

é, missa do oficiante, sem relação com a comunidade presente, vai adquirindo cada vez mais seu caráter de refeição sagrada e comunitária.

A confissão, que havia perdido seu caráter comunitário, vai recuperando-o progressivamente. O sacerdócio ministerial, antes marcado pela mentalidade clerical, tolhido por regulamentos e um estilo de vida que o separavam do povo, tende a desenvolver uma mentalidade de serviço e de pobreza, e aprende a dar mais importância às pessoas e às situações pessoais.

Sugestões para os grupos: 1. Leia os Atos dos Apóstolos 2,42-47 e 4,32-35 e responda: a) O que caracteriza as primeiras comunidades cristãs? b) Elas seriam modelos para nossas comunidades de base? Por quê? 2. Quais são os critérios para discernimento de uma fé pessoal e operante? 3. Que pensa das exigências atuais para a celebração dos sacramentos? 4. Você está de acordo com o novo estilo de vida dos padres? Por quê?

DEUS NÃO PEDE LICENÇA

(C. Mesters, *Maria, a Mãe de Jesus*, Ed. Vozes)

Para realizar o seu plano, Deus não pediu licença nem a José, nem ao Sumo Sacerdote, nem ao Imperador Augusto, nem à moral ou às normas da sociedade e nem mesmo à nossa lógica. Por exemplo, a própria mãe de Jesus correu o risco de passar por mulher infiel aos olhos dos outros! Além disso, na lista dos avós de Jesus, o nome de Maria aparece ao lado de quatro outras mulheres:

Tamar, a primeira, se fez passar por prostituta, para poder ter um filho. Raab, a segunda, era uma prostituta da cidade de Jericó. Rute, a terceira, era uma estrangeira. A quarta é a mulher de Urias, com a qual Davi cometeu adultério. A quinta mulher da lista é Maria, "da qual nasceu Jesus, chamado Cristo".

Esta simples lista de nomes mostra que Deus, realmente, não pede licença às normas que os homens estabelecem! Pede licença, sim, à pessoa em questão, a Maria, para que esta possa dar uma resposta livre. Deus é livre, age livremente, e onde sua liberdade se manifesta, as idéias e os planos dos homens têm de ser modificados. Foi assim que José e Maria tiveram de mudar os seus planos, para que a sua vida pudesse entrar dentro do plano de Deus. Maria se torna a mãe de Jesus por obra e graça do Espírito Santo, e José assume, perante a lei judaica, a paternidade de Jesus.

Há uma discussão entre católicos e protestantes em torno dos "irmãos de Jesus". Esta expressão ocorre várias vezes nos evangelhos. Os protestantes, apoiando-se na sua própria tradição, explicam esta expressão ao pé da letra e dizem: "Maria teve mais filhos. Ela não é virgem". De fato, São Marcos diz que os irmãos de Jesus eram quatro: Tiago, José, Judas e Simão. Ele ainda fala em "irmãs de Jesus". Assim, junto com Jesus, seriam, no mínimo, sete irmãos, todos filhos de José e Maria.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

OPÇÃO CONSCIENTE, MAS PERIGOSA

A Folha: *Reafirmando a linha assumida em Medellín, a Conferência Episcopal Latino-Americana fez uma opção clara e consciente pelos pobres, como se lê no documento de Puebla. Não se trata de uma opção perigosa?*

Dom Adriano: Puebla foi um momento importante na vida da Igreja da América Latina. Num esforço sincero de trazer o Evangelho de Jesus Cristo para a dolorosa realidade de nossos países latino-americanos, elaboramos um documento que retoma a posição da Conferência de Medellín, que "faz uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres". O documento, refletindo nossas discussões e debates, reconhece que, dez anos depois da Conferência de Medellín, "a imensa maioria de nossos irmãos vive uma situação de pobreza e até de miséria que se vem agravando; são carentes dos mais elementares bens materiais, em contraste com o acúmulo de riquezas em mãos de uma minoria, às vezes à custa da pobreza de muitos" (n. 898). Mas não devemos esquecer que a importância do documento é muito relativa. Temos leis e documentos excelentes, em todos os setores da vida humana. No Estado e na Igreja. A opção pelos pobres decide-se é na vida concreta, no dia-a-dia de nossa Pastoral. Quando fazemos esforços para concretizar o documento de Puebla, como de resto o Evangelho de Jesus Cristo, aí se nos deparam dificuldades de todo tipo, dentro e fora da Igreja. As forças do Mal se juntam, solidárias e dinâmicas, com todos os pretextos, para anular uma Pastoral que se distancia dos poderosos para identificar-se com os irmãos pobres e fracos. Realmente a opção pelos pobres é uma opção perigosa.

A Folha: *O poder é solidário?*

Dom Adriano: Todos os grupos de poder são conscientemente solidários e coerentes. Todo o poder que pesa sobre o Povo é um só, quer apareça como poder poli-

tico, como poder econômico, como poder cultural, como poder militar e mesmo (muito lamentavelmente) como poder religioso. Compreende-se facilmente por que os donos do poder se grudam estranhamente uns aos outros e assumem com afincado solidário o combate à Igreja que se dedica à conscientização dos pobres e dos fracos. A conscientização, isto é: o esforço de acordar e de fazer participar os que vivem à margem do processo social, incomoda e faz perigar a estabilidade dominadora dos poderosos. Sentem-se ameaçados na sua sobrevivência. Por isso recorrem a todos os meios, para defenderem os próprios interesses, mais: a própria pele. Isto será observado em todos os tempos. É uma reação muito compreensível: quem tem, não abre mão de suas posses; quem domina, não admite ser dominado; quem oprime, sente-se realizado na opressão. A história de nossa América oferece provas bastantes em todos os países. Criou-se, já no tempo das colônias, um elitismo opressor, reservado a uns poucos, que não abre mão, de modo nenhum, de seu status, de seus privilégios, de suas moradias. Toda a estrutura social deve ser moldada de acordo com os interesses das classes dominantes, das elites alienadas no Povo. Para alguém do Povo ultrapassar legitimamente as limitações de sua marginalização social, o único caminho é aderir de corpo e alma aos interesses da elite opressora. Veja o caso do P. Vito Miracapillo: os políticos, os empresários, os militares, os juizes, muitos homens dos meios de comunicação social, numa palavra: a elite brasileira uniu-se para expulsar um padre pequeno e humilde que se decidiu, dentro da opção feita pela Pastoral, assumir a causa dos pobres e dos pequenos. Com isto desafiou os poderosos. Houve uma solidariedade notável entre todos os grupos do poder, apesar das louváveis exceções. E o P. Vito teve de deixar o Brasil.